

Panel 14: Complex Relationalities

Moderator: Laura J. Beard

Cynthia Huff, Illinois State U [cahuff@ilstu.edu]

The Autobiographical Pact

This paper seeks to revisit and revise the autobiographical pact in light of current work done on companion species, especially dogs, by emphasizing that Donna Haraway's foregrounding of becoming together and the importance of touch troubles Philippe Lejeune's foundational concept.

Lejeune postulates that the autobiographical pact presupposes that the name on the title page of a text matches the name of the author and, in so doing, assumes that the text is written and that the author is singularly constituted and human. But the co-constituting of canines and human beings as companion species call for a different theoretical approach to life narrative that will embody how co-constituting serves to get and have a life lived mutually as well as one which deemphasizes seeing in favor of the communicative touch that is central to the bond dogs and humans enjoy. The messiness of daily, tactile co-constituting challenges the distanced, looking at texts in ways that favors foregrounding mutual exchange via the touching of bodies, including their emissions, and zoe, the smallest form of life often considered as below the threshold of livable existence.

To get at companion species co-constituting, I purpose that we revision and revisit the archives of our daily lives with companion species to think about how touch and the exchange of zoe between and among species necessitate a rewriting of touchstone life experiences, such as birth or death, and the narratives within which we have traditionally encased them. To do so would challenge the stranglehold of the visual on autobiographical theory and practice but it would also mean a reconceptualizing of theoretical constructs such as Lejeune's autobiographical pact, which presupposes an easily negotiated correspondence among reader, author, and publisher with the reader's experience paramount. However, the theory of the autobiographical pack displaces the reader in favor of co-constituting so that the reader must renegotiate his relationship to the pack.

O bando autobiográfico

Este artigo busca visitar e revisar o pacto autobiográfico à luz de trabalhos recentes sobre espécies companheiras, especialmente cães, enfatizando o destaque de Donna Haraway em tornar-se juntos e a importância de tocar transtornos, conceito fundamental de Phillipe Lejeune.

Lejeune postula que o pacto autobiográfico pressupõe que o nome na folha de rosto de um texto corresponde ao nome do autor e, sendo assim, assume que o texto é escrito o

IABAA 2017 – Lives Outside the Lines: A Symposium in Honour of Marlene Kadar

autor é singularmente constituído e humano. Contudo, a coconstituição de caninos e seres humanos como espécies companheiras clamam por uma abordagem teórica diferente à escrita de vida que incorpora a maneira como a coconstituição serve para conseguir e viver uma vida mútua, bem como uma que reduz a ênfase no ver em favor do toque comunicativo que é central ao laço que humanos e cães aproveitam. A bagunça da coconstituição cotidiana e tátil desafia os distanciados, observando textos de maneiras que favorecem destacar a troca mútua via toque entre corpos, incluindo suas emissões, e zoé, a menor forma de vida frequentemente considerada abaixo do limiar da existência viva.

Para chegar à coconstituição de espécies companheiras, proponho que revisemos e revisitemos os arquivos do cotidiano de nossas vidas com espécies companheiras para pensar sobre o quanto o toque e a troca de zoé entre e dentre espécies necessita que se reescrevam as experiências de vida padrão, tais quais nascimento e morte, e as narrativas dentre as quais temos tradicionalmente classificado-as. Para tanto, desafiaria a camisa de força do visual na teoria e prática autobiográfica, mas isto também significaria uma reconceituação dos construtos teóricos tais como o pacto autobiográfico de Lejeune, o qual pressupõe uma correspondência facilmente negociada entre leitor, autor e editora com a experiência indispensável do leitor. Entretanto, a teoria do bando autobiográfico desloca o leitor em benefício da coconstituição para que assim o leitor precise renegociar sua relação com o bando.

[Traduzido por Lucas Victor de Oliveira - oliveiralucasvictor@gmail.com]

Cynthia Huff, an English Studies Professor at Illinois State University, has recently published on animalographies, texts allegedly by and about non-human animals, as well as on diaries, Victorian literature and culture, and women's life writing. Her publications include *British Women's Diaries*, *Women's Life Writing and Imagined Communities*, and *Inscribing the Daily: Critical Essays on Women's Diaries*, co-edited with Suzanne Bunkers.